

## A HISTÓRIA DO FONEMA /s/ DO TUPI ANTIGO

Consuelo de Paiva Godinho Costa<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo discute o percurso histórico que, a partir do fonema /s/ - fricativa alveolar surda – presente na proto-língua conhecida como Proto-Tupi-Guarani, resultou no desdobramento de dois fonemas diferentes: /s/ presente nas línguas Tupi e /h/ - fricativa glotal surda - presente nas línguas Guarani. Esse desdobramento, de fato, marca a separação entre o ramo Tupi e o ramo Guarani desse tronco linguístico, sendo que hoje encontramos, por um lado, línguas do ramo Tupi (como o Tupinambá ou o Tupari) contendo o fonema /s/ em seu sistema fonológico e línguas do ramo Guarani (como o Nhandewa, o Kaiowá ou o Mbyá) contendo o fonema /h/ e também, raras ocorrências de /s/ fossilizadas em sua fonologia. Além disso, este estudo leva procura evidenciar como a organização interna dos traços distintivos dos fonemas comportam-se no processo, utilizando para isso, modelos fonológicos não-lineares, principalmente, a Fonologia Autossegmental conforme Clements e Hume (1995).

**Palavras-chave:** Tupi Antigo. Fonologia Autossegmental. Línguas Indígenas.

**Abstract:** This article discusses the historical path that, from the /s/-fricative alveolar phoneme – present in the protolanguage known as Proto-Tupi-Guarani, resulted in the unfolding of two different phonemes: /s/present in the languages Tupi and /h/ glottal fricative -present in the Guarani languages. This unfolding, in fact, marks the separation between the Tupi family and the Guarani family of this linguistic trunk, and today we find, on the one hand, languages of the Tupi family (such as Tupinambá or Tupari) containing the /s/phoneme in its phonological system and languages of the family Guarani (such as Nhandewa, Kaiowá or Mbyá) containing the /h/ phoneme and also rare occurrences of fossilized /s/ in their phonology. In addition, this study seeks to highlight how the internal organization of the distinctive features of the phonemes behave in the process, using for this, non-linear phonological models, mainly the Autossegmental phonology as Clements and Hume (1995).

**Keywords:** Ancient Tupi. Autossegmental phonology. Indigenous languages.

### 1 Introdução

Os estudos sobre as línguas do tronco linguístico Tupi permitiram aos linguistas propor a existência, em algum ponto do passado, de um Proto-Tupi-Guarani, a protolíngua que foi a origem comum ascendente das línguas da família Tupi-Guarani. Acredita-se também que, em algum momento da história pré-colombiana, ocorreu uma separação nessa protolíngua, resultando em duas novas protolínguas (que deram origem a dois grandes ramos linguísticos): o Proto-Tupi e o Proto-Guarani.

---

<sup>1</sup> Doutora em Linguística, Professora titular do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. E-mail: consuelopaiva@gmail.com

Nossa atenção volta-se justamente a esse momento do desdobramento do Proto-Tupi-Guarani nos ancestrais dos ramos linguísticos Tupi e Guarani. Na literatura a respeito<sup>2</sup>, as principais diferenças apontadas entre as línguas do ramo Tupi e do ramo Guarani são duas: a mudança das palavras paroxítonas nas línguas Tupi, em palavras oxítonas nas línguas Guarani (através da queda da sílaba átona final das primeiras<sup>3</sup>) e a correspondência entre o fonema /s/ do ramo Tupi e o fonema /h/ do ramo Guarani.

Este trabalho é uma retomada de um dos capítulos de Costa (2010) e procura tratar do segundo ponto, fazendo um estudo diacrônico sobre o processo fonológico que possibilitou gerar, atualmente, línguas Tupi que possuem o fonema /s/ e línguas Guarani que possuem, além do /h/ esperado, também /s/ “congelado” em certos termos.

A questão, então, é relacionar o(s) suposto(s) protofonema(s) com os desdobramentos encontrados no Tupi Antigo e no Guarani Antigo, por um lado e, por outro, no Nhandewa-Guarani, uma variedade Guarani falada atualmente em São Paulo e norte do Paraná, língua com a qual trabalho há 20 anos. Existe a possibilidade de, na protolíngua, terem havido duas fricativas que se efetivaram, como traços “dialetais”, na histórica separação entre os ramos ou, ao contrário, poderíamos ter uma protolíngua com um único fonema que se desdobrou em dois na “separação” entre os dois ramos linguísticos.

A metodologia utilizada no trabalho inclui a análise comparativa das Protolínguas reconstituídas (Proto-Tupi-Guarani; Proto-Tupi e Proto-Guarani) nos conhecidos trabalhos de Aryon Rodrigues, Cheryl Jensen e outros, além dos trabalhos do período colonial sobre línguas ancestrais dos dois ramos linguísticos: o Tupi Antigo, conforme descrito, por exemplo, por Anchieta (1595) e o Guarani Antigo, conforme descrição de Montoya (1640). Os processos fonológicos em questão são analisados de acordo com teorias fonológicas mais recentes, principalmente modelos não-lineares, como a Fonologia Autossegmental, cujo principal modelo usado no Brasil é o de Clements e Hume (1995).

---

<sup>2</sup> Ver, por exemplo, Rodrigues (1945) e Edelweiss (1947).

<sup>3</sup> As sílabas átonas finais, em palavras Tupi, têm origem em uma consoante final de raiz à qual se agrega, formando sílaba, um morfema monofonemático {-a}, que cumpre uma função sintática. Por exemplo: jaguar + a > jaguara; tub + a > tuba. O que aconteceu no ramo Guarani foi, de fato, a perda das consoantes finais de raiz e, sem elas, não há a afixação do morfema {-a}. Donde que, em Guarani: *jaguar* passou a *jaguá* e *tub* passou a *tu*.

## 2 O “proto-s” e o “proto-h”:

Não seria um posicionamento indefensável explicar-se o surgimento de dois fonemas a partir de dois segmentos ancestrais, semelhantes, porém, diferentes. Isto representaria uma grande economia para interpretar o desdobramento do fonema /s/ presente no ramo Tupi tanto em /h/ quanto em /s/ remanescente, no ramo Guarani. Apesar de facilitar o tratamento da questão da “resistência”, em certos casos, à mudança de /s/ para /h/, essa análise não é de todo viável se nos questionamos sobre quais fricativas poderiam gerar tanto /s/ quanto /h/, de forma natural e plausível foneticamente. A resposta, talvez, fique restrita aos mesmos /s/ e /h/, além de /ʃ/, do inexistente /f/ e de /β/. Na bibliografia, essa divergência deu origem a discursos defensores do “proto-s” e defensores do “proto-h”. Autores como Frederico Edelweiss argumentam que seja /h/ o fonema arcaico do Proto-Tupi-Guarani: “*Quanto ao fonema h, aceita-se em geral que é o mais primitivo, comparado com o s de outros dialetos tupi-guaraní.*” (1947:97).

Já autores como Aryon Rodrigues (1945) e Cheryl Jensen (1989) argumentam a favor do arcaísmo do fonema /s/:

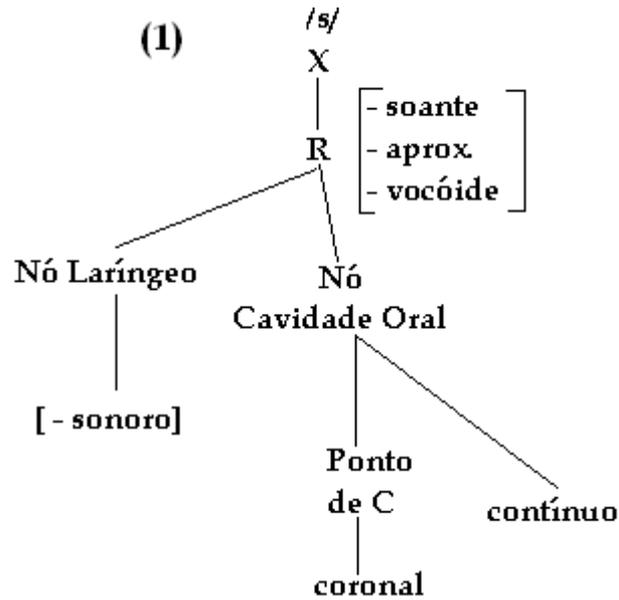
(...) o fonema primitivo, o fonema proto-tupi-guarani, é s, fricativa dental surda, enquanto que h não foi conhecido no proto-tupi-guarani, tendo surgido nos dialetos proto-guarani (ou no próprio proto-guarani, provavelmente)<sup>4</sup> (RODRIGUES, 1945:342).

Se, por outro lado, pensamos na relação entre os dois fonemas, /s/ e /h/, fica-nos relativamente claro que, o primeiro, ao perder seus traços de cavidade oral, realiza-se como o segundo. Isto não esgota a questão, já que ambos poderiam gerar tanto um quanto outro fonema, porém, parece mais viável a perda de um nó Cavidade Oral do que o surgimento de um, a não ser que isso fosse motivado por um contexto “muito favorável” para esta aquisição, em temos autosssegmentais. Portanto, é mais simples e plausível que o fonema /s/ perca seus traços da cavidade oral e se torne /h/, do que o contrário.

Em (1) está representada a geometria hierárquica dos traços distintivos do fonema /s/:

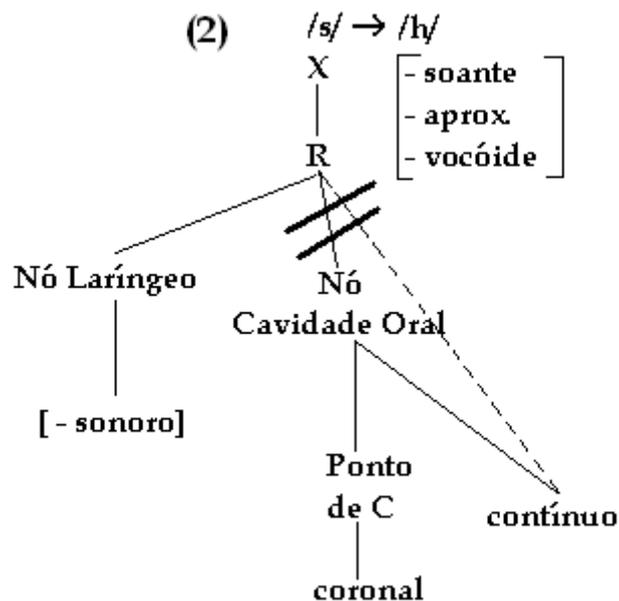
---

<sup>4</sup> Rodrigues (1945:342). Em estudo mais atual, Rodrigues (2007:172), o autor considera que o protofonema correspondente no Proto-Tupi era /\*\*tʰ/ e no Proto –Tupi-Guarani era /\*\*t/.



Edelweiss (1947:101-4) destaca que fazem parte dos “Dialectos de S”, além do próprio Tupi Antigo, o Guarayo, o Omágua e o Kokáma.

Em línguas como o Guarani Antigo, o Avanheém, o Mbyá e outros houve um desligamento do nó supralaríngeo (se o admitimos) ou do nó Cuidade Oral – CO – se adotamos Clements e Hume (1995). Em (2) está representado o processo diacrônico de desligamento do nó Cuidade Oral, o que transforma /s/ em /h/:



Nota-se ainda em (2) que, no processo de conversão da fricativa alveolar surda em fricativa glotal, para esta última, o traço [+ contínuo] deverá ser “re-ligado” diretamente ao Nó Raiz, o que está representado pela linha pontilhada. Como a fricativa glotal não apresenta nenhuma obstrução na cavidade oral, ela não possuirá em sua representação o Nó Cavidade Oral. Esse nó, no modelo de Clements e Hume (1995), subordina o traço [± contínuo]. De fato, a adoção feita aqui, do traço [contínuo] ligado diretamente ao Nó Raiz, possibilita uma melhor interpretação da conversão do fonema /s/ no fonema /h/<sup>5</sup>.

Deixando as protolínguas um pouco para trás, é mais prudente tratarmos de línguas das quais temos registros e, sendo assim, a situação inicial é a seguinte: no Tupi Antigo encontramos apenas o fonema /s/, grafado por Anchieta (1595) como ‘ç’<sup>6</sup>; No Guarani Antigo, Montoya nos aponta os dois fonemas coexistentes /s/ e /h/<sup>7</sup>. Isso é, grande parte das realizações do /s/ do Tupi correspondiam (e correspondem até hoje) em Guarani a realizações do fonema /h/. Todavia, numa quantidade não desprezível de termos, o que se verifica é a conservação do fonema /s/ Tupi, tanto no Guarani Antigo (descrito por Montoya), quanto no Guarani paraguaio contemporâneo, ou no Mbyá, por exemplo.

No Nhandewa-Guarani paulista-paranaense atual observa-se uma situação diferente: os termos que, nos outros dialetos Guarani, mantêm o /s/ correspondente ao Tupi, no Nhandewa são realizados como a consoante africada [tʃ], isso é, o fonema /s/ adquiriu um contorno [-contínuo]; já nos termos em que, nas línguas Guarani, o fonema /h/ corresponde ao fonema /s/ encontrado nas línguas Tupi, no Nhandewa este fonema /h/ foi completamente eliminado, sem ter sido substituído por qualquer outro. Este é um fato novo na fonologia das línguas Guarani.

Um estudo de Guedes e Minatel, de 1996, traça uma comparação das ocorrências do fonema /s/ no Tupinambá e sua relação com as ocorrências de /h/ no Guarani Antigo, no Avanheém, no Kaiwá, no Mbyá e em dois dialetos Nhandewa paranaenses (diferentes da variedade aqui analisada), um do Rio Ocoí e outro descrito por Dooley (também dialeto

---

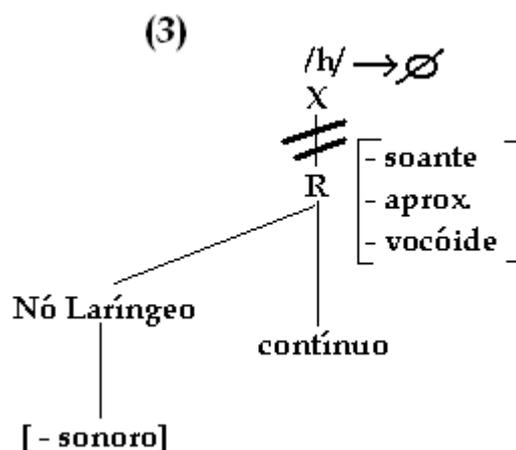
<sup>5</sup> Eventualmente pode-se considerar que [+contínuo] seja a realização “default” da constrição glotal.

<sup>6</sup> Já que, naquela época, o grafema ‘s’ tinha o valor da fricativa palatal [ʃ] do português de Portugal, como nos lembra Edelweiss.

<sup>7</sup> Rodrigues (1945:341-2) apresenta as observações de Montoya sobre a correspondência entre os dois fonemas: “*La H. y La C (ante E) se suelen usar una por otra*”; no correr do texto apresentam-se vários vocábulos em que foi indicada a dupla possibilidade de pronúncia: “*He(n), Salida, I. Ce(n). Ahe(n), yo salgo, aunque no se usa em muchas partes, sino ace(n)*”. Montoya, in: *Tesoro de La lengua Guarani*, p. 146v, apud Rodrigues (1945).

do norte do PR). Este estudo mostra que, nos dialetos Nhandewa, principalmente, e no Mbyá, com uma frequência menor, o fonema /h/ alterna com  $\emptyset$ .

Isto nos permite dizer que o Nhandewa-Guarani de São Paulo e norte do Paraná é a única variedade Guarani que apagou o fonema /h/ completamente da sua fonologia. No nível autosssegmental, o que ocorreu nessa língua para o apagamento da fricativa glotal foi a perda do Nó Raiz do fonema, como é representado pela regra de apagamento em (3).



A fricativa glotal desaparece completamente e as duas vogais adjacentes permanecem lado a lado, porém, em sílabas diferentes, como pode ser observado em termos como [kwará'ĩ]<sup>8</sup> e [kwé'e]<sup>9</sup> e nos demais dados da tabela 2, adiante. Sendo esse o processo, a posição temporal X permanece e é usada para alongamento compensatório da vogal remanescente.

A seguir encontram-se duas listas de palavras que ilustram as situações. Nela, apresenta-se uma análise comparativa entre termos do Tupi<sup>10</sup> e os termos correspondentes em Guarani<sup>11</sup> e no Nhandewa<sup>12</sup>:

<sup>8</sup> Correspondente a /kwará'si/ → /kwará'hi/ “sol”.

<sup>9</sup> Correspondente a /kwé'se/ → /kwé'he/ “ontem”.

<sup>10</sup> Estas formas são retiradas da bibliografia (Anchieta, Figueira, Aryon Rodrigues, Edelweiss, Lemos Barbosa etc.) cuja grafia diverge em vários pontos. Por isto, e para facilitar a comparação, uso a transcrição fonológica como forma de “homogeneizar” as formas, o que não traz nenhuma perda para a interpretação.

<sup>11</sup> Trato aqui de maneira generalizada as línguas Guarani que mantêm o /s/ correspondente ao Tupi, por praticidade na comparação, já que esta correspondência é observada em línguas como o Avanheém (no Paraguai), o Mbyá, o Kaiowá e outros dialetos Nhandewa (no Brasil). As formas desta coluna, também baseadas na literatura (Montoya, Aryon Rodrigues, Edelweiss, Gregores e Suárez, Guedes e Minatel etc.) também estão grafadas de forma a auxiliar o efeito comparativo.

<sup>12</sup> Dados recolhidos por mim com falantes nas aldeias de São Paulo e Paraná.

**Tabela 1: /s/ Tupi: /s/ Guarani: /ts/ Nhandewa-Guarani**

<b>Tupi</b>	<b>Guarani</b>	<b>Nhandewa</b>	<b>Português</b>
/ja 'sɨ/	/ja 'sɨ/	/ja 'tsɨ/	lua
/sã/	/sã/	/tsã/	corda
/-a 'sɨ/	/a 'sɨ/	/a 'tsɨ/	doença
/-e 'sa/	/e 'sa/	/ɛ 'tsa/	olho
/gwa 'su/	/gwa 'su/	/ᵑwa 'tsu/	grande
/kɨ 'se/	/kɨ 'se/	/kɨ 'tsɛ/	faca
/su 'ʔu/	/su 'ʔu/	/tsu 'ʔu/	morder
/sɨ/	/sɨ/	/tsɨ/	mãe
/sem/	/sẽ/ ou /hẽ/	/tsẽ/	sair

O último item, “/sẽ/ ou /hẽ/”, aponta para um momento de “transição”, já que a mudança, no Guarani, é flutuante e no Nhandewa ela recua. Este dado, especificamente, é fornecido por Edelweiss (1947:98) e sua realização no Nhandewa surpreende por apresentar a realização [tsẽ], e não \*[ẽ] como seria esperado.

**Tabela 2: /s/ Tupi: /h/ Guarani: /∅/ Nhandewa**

<b>Tupi</b>	<b>Guarani</b>	<b>Nhandewa</b>	<b>Português</b>
/kwara 'sɨ/	/kwara 'hɨ/	/kwara 'ɨ/	sol
/kwe 'se/	/kwe 'he/	/kwe 'ɛ/	ontem
/sa 'tã/	/ha 'tã/	/a 'tã/	duro
/a 'sa/	/a 'ha/	/a 'a/	eu vou
/mbosa 'pɨt/	/mboha 'pɨ/	/mboa 'pɨ/	três

/so 'ʔo/	/ho 'ʔo/	/o 'ʔo/	carne
/se 'mbe/	/he 'mbe/	/ε 'mbe/	lábio
/se 'ta/	/he 'ta/	/ε 'ta/	muitos
/ase 'ndu/	/ahe 'ndu/	/aε 'ndu/	eu escuto
/sa 'ku/	/ha 'ku/	/a 'ku/	quente
/mo 'sang/	/mo 'hang/	/mo 'ã/	remédio
/sa 'po/	/ha 'po/	/a 'po/	raiz (dele)

### 3 Conclusão

Na ocasião da apresentação e discussão do sistema fonológico do Nhandewa [Cf. Costa (2010)], chamamos a atenção para uma certa tendência nessa língua de eliminação da série das fricativas, se comparada com outras variedades Guarani, como o Mbyá e o Avanheém: a labiodental /v/ converteu-se na aproximante /w/; a alveolar /s/, na africada /tʃ/; a palatal /j/, transformou-se na africada /tʃ/; e a fricativa glotal /h/ desapareceu completamente do sistema. Todas essas mudanças fonológicas são marcas dialetais do Nhandewa-Guarani paulista-paranaense, língua que não privilegia a oposição *contínuo x descontínuo*<sup>13</sup>.

---

<sup>13</sup> De fato, a não ocorrência de algumas fricativas no Tupi Antigo já havia sido notada por vários estudiosos, em geral padres jesuítas, ao descreverem a “Língua Brasileira”, ainda no século XVI. Vejam-se, por exemplo, as colocações de Gabriel Soares de Sousa a respeito da ausência das fricativas labiodental [f] e velar [x], além da lateral [l]:

“Têm muita graça quando falam, mormente as mulheres; são mui compendiosas na forma da linguagem, e muito copiosos no seu orar; mas faltam-lhes três letras das do ABC, que são F, L, R grande ou dobrado, coisa muito para se notar; porque, se não têm F, é porque não têm fé em nenhuma coisa que adorem; nem os nascidos entre os cristãos e doutrinados pelos padres da Companhia têm fé em Deus Nosso Senhor, nem têm verdade, nem lealdade a nenhuma pessoa que lhes faça bem. E se não têm L na sua pronúnciação, é porque não têm lei alguma que guardar, nem preceitos para se governarem; e cada um faz lei a seu modo, e ao som da sua vontade; sem haver entre eles leis com que se governem, nem têm leis uns com os outros. E se não têm esta letra R na sua pronúnciação, é porque não têm rei que os reja, e a quem obedecam, nem obedecem a ninguém, nem ao pai o filho, nem o filho ao pai, e cada um vive ao som da sua vontade; para dizerem Francisco dizem Pancico, para dizerem Lourenço dizem Rorenço, para dizerem Rodrigo dizem Rodigo; e por este modo pronunciam todos os vocábulo em que entram essas três letras.” SOUSA, G. S. (1987). Tratado descritivo do Brasil em 1587- Capítulo CL – Em que se declara o modo e a linguagem dos tupinambás.

Como o Nhandewa parece ser a única variedade Guarani que exclui completamente o fonema /h/ de sua fonologia, tudo indica que fosse justamente este fonema que ocupava a lacuna que existe no quadro fonológico das consoantes, proposto em Costa (2003:46) e reproduzido abaixo:

<b>Obstruinte</b>	p	t	ts	tʃ	k	kw	ʔ
<b>Soante</b>	mb	nd	ɾ	j	ɰ	w	

É interessante observar que, apesar de abrir uma lacuna e criar assimetria no quadro fonológico, a mudança processou-se em razão de um imperativo maior: a eliminação das obstruintes contínuas.

Também parece correto concluir, com base nos dados, que, na protolíngua comum haveria somente uma fricativa, /s/ - a qual deu origem a duas: /s/ e /h/ - podendo ficar descartada a possibilidade de se interpretar as realizações de /s/ remanescentes nas línguas Guarani como descendentes de outra fricativa, que não o mesmo fonema /s/. Isto é confirmado por alguns dados extraídos da literatura: o termo tupi /sa'si/ “doença”, em Guarani possui a forma /ha'si/ e em Nhandewa, o esperado, [a'ʔsi]. Porém, dados do Guajajara, do Tembé e do Parintintin<sup>14</sup> mostram as formas *hahí*, no Guajajara e no Tembé; *hahy*, no Parintintin<sup>15</sup>. A mesma interpretação pode ser dada para o termo Tupi /se'sa/ “olho dele”, que em Guarani realiza-se como *hesá* e no Guajajara e Tembé *hehá*. No Nhandewa, a correspondência se mantém: [e'ʔsa].

Uma palavra que apresenta o fonema /s/ em duas sílabas consecutivas nos permite mostrar que, em algumas línguas, a conversão para /h/ aconteceu somente na primeira ocorrência de /s/ e, em outras, as duas ocorrências foram afetadas. Se isso é possível, é muito provável que o fonema arcaico que originou os atuais /s/ e /h/ fosse um único e não dois fonemas diferentes.

Encontramos ainda outros termos nos quais a mudança é flutuante, ou melhor, ocorreu de maneira diferente em cada língua. Os termos registrados no Tupi como *sy* (/si/,

<sup>14</sup> Dados do Guajajara de Roberts e Symes, do Tembé de Rice e do Parintintin de Nimuendaju, citados em Edelweiss (1947:98).

<sup>15</sup> As representações ortográficas foram mantidas como nos registros dos autores, porém, as representações fonológicas seriam, respectivamente: /ha'hi/ para o Guajajara e também para o Tembé e /ha'hi/ para o Parintintin.

fonologicamente) “mãe” e *usú* (/u'su/ na representação fonológica) “grande”, mantêm o /s/ em Guarani. No Nhandewa ocorre a esperada mudança para a africada /tʃ/ ([tʃi] “mãe” e [u'tʃu] “grande”), entretanto, no Guajajara e no Tembé temos a forma *hi* (/hi/) e a forma similar *hy* (/hi/) no Parintintin, o mesmo ocorrendo com o termo *usú*, que se realiza como *uhú* /u'hu/ tanto no Guajajara quanto no Tembé e no Parintintin.

Entretanto, a questão não se esgota aqui já que permanecem perguntas, até certo ponto, iniciais:

(I) Por que, apesar da conversão do fonema /s/ do Proto-Tupi em /h/ no Proto-Guarani, algumas realizações de /s/ permanecem inalteradas até hoje em línguas Guarani?

(II) Por que uma mudança fonológica tão marcante na separação entre Tupi e Guarani, não ocorreu completamente? Ou ainda:

(III) Qual o motivo de as palavras Tupi que possuem o fonema /s/ em duas sílabas consecutivas, como /sa'si/ e /sɛ'sa/, terem convertido ora uma, ora outra, ora ambas as realizações de /s/ em /h/?

## Referências

- ANCHIETA, José de, Pe (1990). *Arte de Gramática da lingoa mais usada na costa do Brasil*. Ed. Fac-similar à de 1595. São Paulo: Loyola.
- BARBOSA, A. Lemos (1956). *Curso de Tupi Antigo*. Rio de Janeiro: São José.
- CLEMENTS, G.N. & Hume, Elisabeth V. (1995). The internal organization of speech sounds. In: Goldsmith, J. (org.). *The Handbook of Phonological Theory*, pp. 245-306. Cambridge/MA: Blackwell.
- COSTA, Consuelo de Paiva Godinho (2010). *Nhandewa Aywu: Fonologia do Nhandewa-Guarani*. Campinas: Curt Nimuendajú.
- DOOLEY, Robert. *Textos Guarani (Dialeto Mbyá)*. Brasília: Summer Institute of Linguistics, Acervo do CEDAE, IEL – UNICAMP, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Apontamentos Preliminares sobre Ñandéva-Guarani Contemporâneo*. Brasília: Summer Institute of Linguistics. Arquivo Lingüístico no. 197. Acervo do CEDAE, IEL – UNICAMP, 1991.
- EDELWEISS, Frederico G. *Estudos Tupis e Tupi-Guaranis – Confrontos e Revisões*. Rio de Janeiro: Livraria Brasileira Editora, 1969.
- FIGUEIRA, Luís. *Grammatica da Língua do Brasil*. Reprodução fac-similar por J. Platzmann. B.G. Taubner: Leipzig, 1878.
- GREGORES, E. & J. Suárez. *A description of colloquial Guaraní*. Mouton: The Hague, 1967.

GUEDES, Marymarcia. *Subsídios para uma Análise Fonológica do Mbya*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1991.

GUEDES, Marymarcia & Minatel, Maria Inês. Nhandéva: Breves Comparações de Aspectos Fonológicos. *XXV Anais de Seminários do GEL*. Taubaté, 1996. P. 558-562.

JENSEN, Cheryl Joyce S. *O desenvolvimento Histórico da língua Wayampi*. Campinas: Editora da Unicamp, 1989.

MONTOYA, Antonio Ruiz de. *Arte de la Lengua Guarani* Introdução e notas: Bartomeu Meliá. Transcrição atualizada: Antonio Caballos. Asunción: CEPAG, 1993 [1640].

NIMUENDAJÚ, Curt. *As lendas de criação e destruição do mundo como fundamentos da religião dos Apapocúva-Guarani*. Tradução de Charlotte Emmerich & Eduardo B. Viveiros de Castro. São Paulo: Editora Hucitec/USP, 1987.

RICE, Keren D. A reexamination of the feature [sonorant]: the status of 'sonorant obstruents'. *Language*, v. 69, n. 2, p. 308-344, 1993.

RODRIGUES, Aryon Dall'Ígna. Fonética Histórica Tupi-Guarani: Diferenças fonéticas entre o Tupi e o Guarani. *Arquivos do Museu Paranaense*. Curitiba, IV, 1945.

\_\_\_\_\_. *Línguas brasileiras. Para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola, 1986.

\_\_\_\_\_. Silêncio, nasalidade e laringalidade em línguas indígenas brasileiras. *Revista Letras de Hoje*, n. 134, p. 11-24, 2003.

\_\_\_\_\_. As Consoantes do Proto-Tupí. In: CABRAL, A.S.A.C. e RODRIGUES, A. D.(orgs.). *Línguas e Culturas Tupí*, Campinas: Curt Nimuendajú, 2007. P.167-203.

Rodrigues, Daniele M. Grannier. *Fonologia do Guarani Antigo*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

SOUSA, Gabriel Soares de. *Tratado Descritivo do Brasil em 1587*. 5. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1987.

TRUBETZKOY, N.S. *Principles of Phonology*. Tradução de Wilmar da Rocha D'Angelis. Campinas: IEL – UNICAMP, 1996 [1939].